

A Agressividade Infantil de acordo com as Abordagens Psicoterapêuticas Child Aggressiveness according to Psychotherapeutic Approaches

Camila Thaynara dos Santos^[1], Luara Cristina Custódio^[1], Thayná Caroline de Lima Branco^[1], Yasmin Katheline Mendonça^[1], Taciane Castelo Branco Porto^[2]

^[1] Graduandas do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá-FEPI, Av. Dr. Antônio Braga Filho, nº 687, Porto Velho, Itajubá–Minas Gerais. camila.tsantos@outlook.com, luaracustodio.ii123@gmail.com, thaynabranco1@yahoo.com.br, yasminkatmen99@gmail.com

^[2] Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá-FEPI, Av. Dr. Antônio Braga Filho, nº 687, Porto Velho, Itajubá–Minas Gerais, atelierdepsicologia@tcnet.com.br

Recebido em: 05 de Março de 2021; Aprovado em: 22 de Abril de 2021

RESUMO

A palavra agressividade deriva do latim “*agressione*” e pode ser compreendida como dinamismo, energia e força, ou condutas hostis, destrutivas e fixadas. A segunda definição correlaciona-se aos conflitos humanos, e as condutas infantis disfuncionais podem ser compreendidas a partir deste prisma. A etiologia destes comportamentos é diversa, podendo ser percebida a partir da relação entre processos inatos, contingências, relações familiares e tentativa de expressão. As abordagens psicoterapêuticas, Psicanálise, Cognitiva-Comportamento, e Fenomenológico-Existencial, explicam a agressividade na infância relacionando-a com o desenvolvimento biopsicossocial. Além disso, o comportamento lúdico-agressivo é considerado por autores como uma forma de canalizar os comportamentos hostis, bem como promover o amadurecimento emocional. O objetivo do trabalho foi clarificar tais diferenças e semelhanças entre as visões das abordagens da Psicologia acerca do constructo agressividade infantil; além disso, compreendemos a relação entre o desenvolvimento infantil, influência do ambiente e origens de comportamentos considerados disfuncionais, utilizando-se de metodologia exploratória e qualitativa. A agressividade infantil é um processo inerente ao amadurecimento infantil, manifestando-se por meio de atitudes. As abordagens psicoterapêuticas trazem a importância da relação com o meio social e figuras relevantes para o desenvolvimento de tais atitudes; além disso, demonstram a relevância de processos internos no desenvolvimento da agressividade.

PALAVRAS-CHAVES: Agressividade Infantil. Abordagens psicoterapêuticas. Desenvolvimento biopsicossocial.

ABSTRACT

The word aggressiveness derives from the Latin “*agressione*” and can be understood as dynamism, energy and strength, or hostile, destructive and fixed behaviors. The second definition is related to human conflicts, and dysfunctional child behaviors can be understood from this perspective. The etiology of these behaviors is diverse, and can be seen from the relationship between innate processes, contingencies, family relationships and attempted expression. The psychotherapeutic approaches, Psychoanalysis, Cognitive-Behavior, and Existential-Phenomenology, explain aggression in childhood, relating it to biopsychosocial development. In addition, playful-aggressive behavior is considered by authors as a way of channeling hostile behaviors, as well as promoting emotional maturation. The aim of the work the goal was to clarify such differences and similarities between the views of Psychology approaches regarding the child aggressiveness construct; in addition, to understand the relationship between child development, influence of the environment and origins of behaviors considered dysfunctional, using exploratory and qualitative methodology. Child aggressiveness is a process inherent in child maturation, manifesting itself through attitudes. Psychotherapeutic approaches bring the importance of the relationship with the social environment

and relevant figures for the development of such attitudes; in addition, they demonstrate the relevance of internal processes in the development of aggressiveness.

KEYWORDS: Child Aggressiveness. Psychotherapeutic approaches. Biopsychosocial development.

INTRODUÇÃO

A agressividade infantil surge a partir da relação da criança com o ambiente familiar, social e escolar. Tais condutas podem ser verbais ou físicas, e são percebidas como atitudes disfuncionais, e que trazem prejuízos ao desenvolvimento de atividades cotidianas.

Entretanto, tais atitudes hostis podem surgir de maneira espontânea, como uma forma da criança responder às contingências percebidas como ameaçadoras, e tal processo pode ser considerado normal frente ao desenvolvimento biopsicossocial. Mas, torna-se importante compreender tais condutas, a fim de investigar os prejuízos, e a possível relação destas com transtornos psíquicos infantis.

Podem-se avaliar a agressividade não como traço de personalidade, e sim como atos. Desta forma, não existem crianças agressivas, mas sim crianças que cometem atos agressivos; o correto seria dizer que a criança está agressiva, a partir da relação entre processos internos e contingências ambientais. (CORSINI, 2000 apud LOCH *et al*, 2005).

Há poucas pesquisas, na última década, que se dedicam ao estudo de comportamentos hostis infantis, buscando compreendê-los inserido no

desenvolvimento biopsicossocial. Torna-se relevante compreender a relação entre agressividade e relações familiares, a fim de investigar o papel de figuras paternas e maternas, a partir do estabelecimento de regras, limites e autonomia, na construção do amadurecimento da criança. O ambiente pode apresentar estímulos funcionais ou disfuncionais, que influenciam as respostas infantis.

Segundo Loch *et al* (2005), o que falta à criança que está agressiva é a habilidade e a capacidade para lidar com as situações aversivas do meio, o que provoca inúmeros sentimentos, como raiva, medo e insegurança.

O brincar lúdico-agressivo também deve ser observado nesta ótica. Para Candreva *et al* (2009, apud BARBOSA; MARTINS; MELLO, 2017) essas brincadeiras se caracterizam por algum confronto de natureza simbólica e corporal, onde a criança pode canalizar sua energia emocional agressiva, a partir dos movimentos, fantasias e/ou encenações.

As abordagens Psicoterapêuticas (Psicanálise, Cognitiva-Comportamental e Fenomenológico-Existencial) buscam determinar as etiologias da agressividade infantil, observando aspectos internos e externos à criança. Há semelhanças e diferenças nestas visões, e torna-se importante observá-las, principalmente

quando a criança está em acompanhamento ludoterapêutico, a fim de que o tratamento tenha embasamento teórico adequado.

Pode-se perceber como possíveis etiologias do comportamento agressivo infantil os processos inatos, contingências ambientais, relações familiares e tentativa de expressão. Além disso, é importante ressaltar que a agressividade infantil pode se manifestar de diversas formas, como: contra si, contra o outro, em relação às atividades e mediante um desenho. (PIETRO & JAEGER, 2008).

Desta forma, a criança precisa de um ambiente favorável para que possa se concretizar saudável e plena, levando-a ao amadurecimento e adaptações satisfatórias. (PIETRO & JAEGER, 2008).

Frente a isso, este trabalho busca realizar um levantamento bibliográfico, por meio de análise exploratória e qualitativa, acerca da agressividade infantil a partir do olhar das abordagens psicoterapêuticas, investigando origem do comportamento hostil, relação criança-família e importância do processo lúdico na canalização destes comportamentos.

MATERIAL E MÉTODO

O presente artigo pode ser considerado uma revisão de levantamento bibliográfico, de caráter exploratório e abordagem qualitativa. Houve procura por maior familiaridade em relação ao construto

trabalhado, levando em consideração o foco a partir de três abordagens, buscando-se as discordâncias e concordâncias acerca da temática. A investigação ocorreu através da pesquisa por termos relacionados à agressividade infantil, bem como ao desenvolvimento biopsicossocial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Advíncula (2001) é possível compreender a agressividade como forma de perceber e experienciar as situações que ocorrem ou já ocorreram na vida da pessoa. Portanto, ela não pode ser considerada “algo de fora”, pois está relacionada a diversos fatores inter e intrapessoais que circundam o sujeito e sua relação com o ambiente.

De acordo com Loch *et al* (2005) esse construto também pode ser compreendido como um comportamento que faz parte da vida socioemocional do sujeito. Portanto, quando uma criança apresenta uma atitude hostil, tal fator se relaciona com seu desenvolvimento biopsicossocial, bem como sua relação com o ambiente familiar e social.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) complementa as definições, relacionando a agressividade com o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, que pode resultar em sofrimento, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Desta forma,

apesar da agressividade infantil fazer parte do desenvolvimento da criança, é importante observar a possível relação destas atitudes com sofrimento físico e psíquico da criança e seu ambiente. Neste caso, cabe intervenção psicológica.

Através da teoria Cognitiva-Comportamental, Bandura (2005) traz que a origem da agressividade infantil está relacionada ao processo de aprendizagem, uma vez que a criança aprende a partir da observação dos comportamentos de outras pessoas, utilizando-os como modelo. Tais comportamentos são adquiridos durante a convivência e usados de modelação pelas crianças, que agem de maneira inconsciente.

Pimpinato (2012) evidencia que, diante das colocações de Bandura, é importante que a mãe seja dócil, dê amor e carinho, pois são as pequenas atitudes dos pais e de outras figuras importantes que são tomadas como modelo estruturante; assim, torna-se necessário estar sempre atento aos comportamentos expressos no ambiente social, e a forma como a criança os percebe e os experiencia.

Para Beck (2017) a aprendizagem por observação foi estudada entre 1961-1963 por Bandura, onde este desenvolveu diversas experiências para fundamentar sua teoria, entre elas o experimento “João-bobo”.

Conforme Bandura (2005), foi realizado, em 1961, o experimento João-bobo; nesse processo, foi utilizado um boneco em que se era possível bater. O foco dessa atividade era observar a reação das crianças ao ver o boneco sendo agredido, em um vídeo, tanto fisicamente quanto verbalmente; e observar a posterior atitude destes observadores, quando se encontravam pessoalmente com o boneco em questão.

Ao final do estudo, o autor observou que as crianças que foram expostas aos modelos de comportamentos agressivos eram propensas a agir de acordo com as atitudes anteriormente observadas; ou seja, agiam de forma agressiva ao se relacionar com o brinquedo. Outra observação feita foi que as crianças eram propensas a serem influenciadas por modelos de seu próprio gênero.

Já para a teoria psicanalítica, tanto freudiana quanto lacaniana, a agressividade na infância está ligada ao Ego e sua fase de construção, e é vinculada aos objetos a sua volta. A agressividade é possível de surgir quando sublimada, uma vez que se dá a partir da palavra e sua mediação simbólica. (LIMA & CUNHA, 2017, apud ROCHA & CASTRO, 2019).

Ela também pode estar relacionada a marcas pulsionais destrutivas. Segundo a teoria freudiana, a conduta hostil vem

como uma resposta do sujeito frente a dor e frustração; sendo assim, ela é inerente ao ser humano, pois o mesmo precisa liberar essas sensações e energias ainda não compreensíveis. Entretanto, quando ela se torna destrutiva, pode dar origem a condutas que não são aceitáveis socialmente. (MOURA *et al*, 2017 apud ROCHA & CASTRO, 2019).

Diante disso, Pietro & Jaeger (2008) salientam que os atos agressivos infantis seriam a expressão de sentimentos de raiva e hostilidade, mas que são negados e atribuídos a fatores externos, e não a internos. Com isso é possível observar que as tendências humanas a agressividade tende a ser escondidas, disfarçadas, desviadas, e atribuídas ao ambiente; e esse processo inicia-se na infância.

Para Winnicott (1994) atitudes disfuncionais podem estar ligadas a perdas que geram frustração. De acordo com o autor, esse tipo de comportamento agressivo é inato, coexistentes com o amor, e surge como um sintoma de medo que faz com que as crianças tomem atitudes para que as outras as notem, ou para diminuir a frustração que sentem.

Nesse contexto, Winnicott (2005) destaca que a agressividade se inicia quando o bebê ainda está na barriga da mãe e se apresenta nos movimentos da criança, apesar desses movimentos não

serem intencionais e não terem uma conotação de conduta agressiva conscientes. Da mesma forma, quando a criança nasce e suga os seios de sua mãe, percebe-se novamente um movimento agressivo não consciente. São esses movimentos que auxiliam o bebê na descoberta de um mundo que não é o seu e, conseqüentemente, iniciam o estabelecimento de uma relação com o mundo externo.

Portanto, esses comportamentos surgem como uma tentativa de diferenciação do que é do eu do bebê e do que não é, e não há intencionalidade de machucar. Através da organização dessas funções, em decorrência da integração da personalidade, é que tais comportamentos podem se transformar em processos agressivos conscientes.

Santos (2008, apud ROCHA & CASTRO, 2019) corrobora com esta ideia e realça que a agressividade infantil pode ser entendida como sendo uma característica normal no desenvolvimento, pois se trata de uma fase transitória e passageira que acomete as crianças no início de suas vidas. Entretanto, quando não se tem uma observação acerca dessa criança, essas atitudes podem trazer conseqüências posteriores graves.

Além disso, a criança busca uma relação de confiança com o ambiente e

com aqueles que estão em sua volta, principalmente a família. E quando o ambiente fracassa e não dá força ao Ego em construção, pode surgir a hostilidade. De acordo com Pimpinato (2012), é desta forma que o inato se relaciona com o meio, visto que o que desencadeia um comportamento agressivo são ambos os processos. Neste sentido, a agressividade, em alguns casos, pode ser considerada o apelo emitido pela criança para que suas necessidades sejam atendidas.

Pimpinato (2012) ainda destaca que, a partir do desenvolvimento, algumas crianças veem seus impulsos agressivos controlados nas outras pessoas; outras guardam sua agressividade pra elas próprias, reprimindo esses impulsos; e outras ainda projetam a sua agressividade nos sonhos e fantasias. Em suma, o comportamento agressivo não é algo que a criança deseja que aconteça, mas sim algo que acontece, seja de maneira fantasiosa ou real.

Para Rost (2004, apud PIETRO & JAEGER, 2008), as crianças têm comportamentos de bater umas nas outras, chorar, fazem birra, e tirar brinquedos dos colegas. Nesta fase, as crianças tendem a realizar brincadeiras cooperativas e, em seguida, começam a passar por conflitos relacionais; isso ocorre pois elas estão em um processo de socialização e preparação

para a entrada no mundo adulto, fato que exige aceitação ou rejeição social, dependendo do que ela faça ou da forma como interage.

Já de acordo com a teoria kleiniana, os comportamentos antissociais das crianças amenizam a angústia sofrida, diminuindo a culpa que elas sentem ao causarem ao mundo externo sentimentos ruins. Essas sensações são desenvolvidas a partir de algum trauma sofrido pela pessoa na fase inicial de sua vida, e a capacidade que a mesma tem para sustentar a ansiedade e tolerar o sentimento de culpa é o que a diferencia de um adulto antissocial. (SOUSA & CASTRO, 2008, apud ROCHA & CASTRO, 2019).

Segundo Rocha & Castro (2019), a teoria de Melanie Klein ressalta que as crianças nascem com uma “pulsão destrutiva”, que atua na criança desde muito cedo e faz com que ela enfrente conflitos internos, que geram sensações como culpa, medo, tensão entre outras. Quando a criança não consegue lidar com suas pulsões de maneira saudável, ela sente que precisa eliminar essa energia para o exterior, e esse é um processo normal.

Portanto, na visão da psicanálise, a criança precisa de um ambiente favorável para que possa se concretizar saudável e plena, levando-a ao amadurecimento e adaptações satisfatórias, e possibilitando a

canalização das suas energias pulsionais. Para Freud (1980), o acolhimento familiar e escolar é um bom caminho para que as condutas hostis sejam sublimadas. O autor acredita ser possível o controle sobre as pulsões agressivas da criança. Para isso, é preciso que os responsáveis e educadores tenham consciência da problemática e vontade de ajudar a criança agressiva no seu desenvolvimento biopsicossocial.

Na visão Fenomenológico-Existencial, especificamente na obra de Carl Rogers, a agressividade infantil não aparece como foco, pois esta se constituiu tendo como foco a saúde, e se contrapondo à ênfase no patológico que caracterizava a Psicanálise. Desta forma, a agressividade não é encarada como sintoma diagnóstico. (RIBEIRO, 2008).

Diante disso, segundo Rogers (1957), a criança vive em um mundo de experiências, reagindo a este de acordo com o que percebe, experiencia e vivencia; este mundo vivido é chamado de campo fenomenológico, e diz respeito a todas as experiências percebidas pelo organismo, e simbolizadas ou não na consciência.

A criança, a partir de sua tendência atualizante, se desenvolve no sentido de um movimento ativo e direcional, buscando pelo amadurecimento e crescimento; esse movimento se dá a partir do contato com o mundo externo,

estimações e relações familiares e sociais. Segundo a autora, a partir disso, a criança passa a apresentar consciência do existir, e posteriormente, a noção do eu (NYE, 2002 apud RIBEIRO, 2008).

Nesta abordagem, a agressividade é compreendida como forma de experienciar e perceber; ela está ligada a uma conexão de eventos e rede de significações. Portanto, o comportamento hostil pode ser percebido enquanto expressão da tendência atualizante, a partir da necessidade de desenvolvimento humano. A criança, envolvida em seu processo de expansão interior, não percebe o morder, bater, tocar, puxar e o gritar como atitudes socialmente violentas. Além disso, ainda não sabe lidar com a frustração. (RIBEIRO, 2008)

Para Axline (1972), o desajustamento da criança é uma determinação agressiva para ser ela mesma, ou uma resistência ao bloqueio de sua completa auto expressão. Essa agressividade tende a surgir quando não são oferecidas estimulações ambientais, limites, regras e autonomia, com as quais a criança possa interagir a amadurecer.

Além disso, torna-se importante salientar que quando a criança vivencia experiências impossibilitadas de serem simbolizadas ou que não são simbolizadas adequadamente, apresenta um estado geral de ansiedade e de insegurança que pode

gerar comportamentos agressivos. (CASTELO BRANCO, 2020). Quando as figuras de autoridade não comunicam decisões à criança, ou não a deixam participar da resolução de problemas cotidianos, esta pode ter dificuldade de compreender tais processos.

A autora destaca que os pais e a escola relevam-se inseguros e hesitam em estabelecer limites às crianças que apresentam comportamentos hostis ou disfuncionais, bem como dar autonomia de decisão a elas (SALLES, 2005 apud RIBEIRO, 2008). A resposta agressiva de uma criança pode denunciar ausência dos pais e escola e que não foi dada à ela oportunidade para aprender sobre limites. O comportamento agressivo habitual pode revelar ainda que a atenção conferida pode estar restrita a cuidados básicos com abstenção do contato lúdico (FERNANDEZ, 1994 apud RIBEIRO, 2008).

Segundo Axline (1972), a criança considerada disfuncional pode experimentar modificações e amadurecimento a partir de um processo de ludoterapia; tal intervenção pode, inclusive, modificar a relação da criança com família, escola e demais meios sociais. Nesse espaço, a criança passa a ser estimulada a ter um local de maior visibilidade, levando-se em conta que

passa a ser considerada em seus direitos. Na sala de ludoterapia, a criança escolhe os brinquedos, brincadeiras e temáticas comunicativas, e a partir dessa interação autônoma, canaliza a raiva, agressividade, e hostilidade.

Com relação à influência do ambiente familiar na agressividade infantil, pode-se pontuar que dentre os fatores que influenciam a agressividade encontra-se o ambiente externo. Segundo Loch *et al* (2005), geralmente, o que falta à criança é a habilidade e a capacidade para lidar com as situações aversivas do meio, o que provoca inúmeros sentimentos, como a raiva, o medo e a insegurança. Além disso, segundo o autor, os atos agressivos também podem ser aprendidos por meio da observação de modelos agressivos, como em programas televisivos, em mídias sociais e até dentro do ciclo social e familiar. Outro ponto muito importante a ser levantado é o de como a criança é cuidada e considerada na primeira infância, o que influencia, em grande parte, a estima e o respeito que terá por si mesma quando se tornar adulta.

A partir disso, um ponto ressaltado pelo autor é a relação da tríade (cuidadores-criança), uma vez que as raízes do comportamento agressivo começam na infância e estão alicerçadas na relação de afeto com os responsáveis. Esta

relação é de extrema importância na formação da personalidade da criança, onde os fatores mais envolvidos no desencadeamento do comportamento agressivo são: pais/responsáveis ausentes, falta de relação afetiva/corporal entre cuidadores e filhos, responsáveis distantes, que têm pouco ou nenhum contato afetivo, gerando em seus filhos uma relação amor/ódio (BOWLBY, 1995).

Com relação à imposição de limites, a falta de autoridade real dos cuidadores, a ambiguidade de ordens, proibições e contradições, deixam a criança mais desprotegida para se adaptar à realidade, o que favorece a insegurança e as oscilações de humor. A falta de limites pode transformar crianças com atos agressivos em adultos com atos agressivos. O limite está diretamente relacionado à agressividade (ZAGURY, 2004).

Entende-se que o brincar é uma das principais expressões do comportamento infantil. Por meio dos jogos e das brincadeiras, a criança interage com o seu meio físico e sociocultural, constrói aprendizados, internaliza e produz cultura e também cria e afirma o seu modo de ser e estar no mundo. Para Freire (2005, apud BARBOSA *et al*, 2017), não é a atividade que define o caráter lúdico do jogo ou da brincadeira, mas a maneira como a criança

interpreta, internaliza e se relaciona com essas manifestações culturais.

Sendo assim, as brincadeiras lúdico-agressivas se caracterizam por algum confronto de natureza simbólica e corporal. Geralmente, essas manifestações lúdicas são proibidas no contexto escolar, sob o argumento de que elas são prejudiciais às crianças, pois geram ou agravam a violência (CANDREVA *et al*, 2009 apud BARBOSA *et al*, 2017).

A partir da leitura de expostos da área clínica infantil, pode-se perceber que as crianças operam com o contexto social. Elementos que fazem parte do cotidiano, como armas, tiros, ladrões e comportamentos que esboçam abordagens policiais fazem parte do mundo simbólico do brincar, como “[...] um reflexo dos valores e das práticas das comunidades e das culturas locais e mais amplas em que elas emergem” (CORSARO, 2011, apud BARBOSA *et al*, 2017). Entretanto, a relação das brincadeiras, neste estudo, tendeu a rumar para um discurso agressivo e, ao mesmo tempo, lúdico em suas práticas corporais, pois percebeu-se um fortalecimento de alianças entre os pares e de espaços para estimular a criatividade e válvulas de escape. (JONES, 2004; CORSARO, 2011 apud BARBOSA *et al*, 2017).

Outro ponto de destaque, de acordo com Barbosa *et al* (2017), foi o desejo das crianças que participaram do estudo de brincar utilizando de encenações de desenhos animados. Em relação aos aspectos simbólicos da cultura infantil, Corsaro (2011 apud BARBOSA *et al*, 2017) afirma existir “[...] três fontes primárias da cultura simbólica da infância: a mídia dirigida à infância (desenhos, filmes e outros), a literatura infantil (especialmente os contos de fadas e as histórias infantis¹) e os valores míticos e lendas (Papai Noel, a Fada do Dente e outros)”.

O autor defende que a inserção desses elementos na brincadeira é objeto de apropriação, de manipulação e de representação. Ao apontar para a mídia dirigida à infância, englobando, principalmente, desenhos animados e filmes, destaca-se que, à medida que as crianças assistem, elas brincam, atribuem sentido aos personagens, criam enredos e aumentam seu capital cultural lúdico, trazendo os “[...] itens específicos da cultura simbólica que as crianças possuem e compartilham em suas culturas de pares” (CORSARO, 2011 apud BARBOSA *et al*, 2017).

Na contemporaneidade, não se pode negar a grande influência da mídia no

estilo de vida da família e da criança. Analisando esse meio de comunicação, as imagens a que as crianças têm acesso são representadas em sua realidade brincante, conferindo um aspecto específico, quando os elementos midiáticos são incorporados à brincadeira e podem ser revestidos e atualizados por novas ações, contextos e conteúdos. Por esse ângulo, a agressividade representada na brincadeira dá suporte às suas ações e elas se adaptam, de modo coletivo, à estrutura brincante, incorporando no jogo a simulação, a imaginação e a excitação, por meio dos confrontos gerados ludicamente (BARBOSA *et al*, 2017).

A partir desses expostos, observa-se que, apesar das divergências acerca da definição do termo “agressividade” e de sua etiologia primária, as três abordagens apresentadas trazem que a criança desenvolve comportamentos agressivos a partir de sua relação com o ambiente, figuras importantes e situações relevantes; além disso, é influenciada por forças internas, que lhe fazem agir buscando por reconhecimento e amadurecimento psíquico.

A agressividade é percebida como uma forma de expressão, e de colocar-se no mundo, lidando com as vivências novas que fazem parte do desenvolvimento socioemocional. Neste contexto, é

¹ Ver Castelo Branco, 2020.

relevante que pais, escola e psicoterapeutas estejam atento a essa expressão, e estabeleçam limites, estímulos ambientais e autonomia relacional.

A ludoterapia pode ser muito relevante na canalização destas condutas. A partir da inserção em um ambiente que garanta à criança responsabilidade e autonomia, esta tem a possibilidade de entrar em contato com os próprios sentimentos através da expressão lúdica; essa intervenção tende a garantir amadurecimento, clarificação das situações e modificação das relações sociais. A criança aprende novas formas de responder ao ambiente, bem como controlar os impulsos internos.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o presente estudo teve como objetivo apresentar uma revisão da literatura a respeito das principais causas da agressividade infantil em diferentes abordagens, destacando suas semelhanças e suas divergências, a fim de diferenciá-las. Observou-se também o papel da família no estabelecimento de limites e autonomia infantil, contribuindo para que a criança consiga responder de maneira diferente aos estímulos internos e externos. E, por fim, percebeu-se a importância da brincadeira lúdico-agressiva, inserida principalmente na ludoterapia, como forma de canalização da raiva infantil.

REFERÊNCIAS

A Mente é Maravilhosa. Experimento do Boneco João Bobo. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/experimento-do-boneco-joao-bobo/> 2018, Acesso em: 06 de abril de 2020.

ADVÍNCULA, Iaraci. **Experiências Desalojadoras do Eu e Escuta Clínica.** Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2001.

AXLINE, Virgínia Mae. **Ludoterapia - a Dinâmica Interior da Criança.** Belo Horizonte: Editora Interlivros. 1972.

BANDURA, Albert. **The Evolution of Social Cognitive Theory.** Oxford University Press, 2005.

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; MELLO, André da Silva. **Brincadeiras Lúdico-Agressivas: Tensões e Possibilidades no Cotidiano na Educação Infantil.** Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/65259/40965>> 2017, Acesso em: 16 de fevereiro de 2020.

BECK, Caio. **Aprendizagem Social (Bandura).** Disponível em: <<https://andragoiaabrazil.com.br/aprendizagem-social-bandura/>> 2017, Acesso em: 06 de abril de 2020.

BOWLBY, John. **Teoría del Apego.** Lebovici: Weil-HalpernF. 1995.

CASTELO BRANCO, Taciane. **Histórias Infantis na Ludoterapia Centrada na**

- Criança.** Rio de Janeiro: Editora Matilha. 2020.
- FREUD, Sigmund. **Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica: Obras Completas.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980.
- LOCH, Graciela Huecu Maldonado; OLIVEIRA, Adriane Maria Netto de; LOPES, Fernanda Lucas; SILVA, Luzia Wilma Santana da. **A Relação de Afeto/Desafeto em Famílias de Crianças com Comportamento Agressivo.** Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/1152> 2005, Acesso em: 16 de fevereiro de 2020.
- PIETRO, Patrícia Pereira; JAEGER, Fernanda Pires. **Agressividade na Infância: Análise Psicanalítica.** Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235126874.pdf> 2008, Acesso em: 06 de abril de 2020.
- PIMPINATO, Camila Marcelli. **Agressividade Infantil: Análises de Artigos Científicos.** Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120580/pimpinato_cm_tcc_rcla.pdf?sequence=1 2012, Acesso em 06 de abril de 2020.
- RIBEIRO, Elizabete Cristina Monteiro. **Crianças que se revelam Agressivas: um Estudo Fenomenológico sobre o Reconhecimento da Agressividade em Escolares.** Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5090> 2008, Acesso em: 16 de fevereiro de 2020.
- ROCHA, Jaquelina Teixeira Leão; CASTRO, Marcelo Matta. **Agressividade Infantil nas Escolas e Psicanálise: um Estudo Literário Narrativo.** Disponível em: <http://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V5N1A7/270> 2019, Acesso em: 06 de abril de 2020.
- ROGERS, Carl. The Necessary and Sufficient conditions of therapeutic Personality Change. **Journal of Consulting Psychology**, 21, 95-103, 1957.
- WINNICOTT, Donald **Raízes da Agressão: Explorações Psicanalíticas.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1994
- ZAGURY, Tânia. **Limites sem Traumas.** Rio de Janeiro: Record. 2004